

A tradução na sala de aula de LE: (des)construindo conceitos

Elisângela LIBERATTI¹

RESUMO: Dentro do campo da Linguística Aplicada ocorrem amplos debates sobre o uso da tradução em sala de aula de Línguas Estrangeiras (LE). Diversos fatores influenciaram no estigma concernente à prática da tradução em sala de aula. Institutos de idiomas e escolas regulares condenam o uso da tradução em suas aulas e os professores sentem-se culpados por terem de recorrer a tal método vez ou outra, agindo como se estivessem praticando um crime. Com esse artigo, pretendo: I. Traçar um breve perfil histórico do uso da tradução em sala de aula de LE, citando metodologicamente os fatores que impulsionaram o *status* negativo concernente ao uso da tradução em sala de aula; II. Tentar mostrar aos professores de LE que o uso da tradução em sala de aula é uma ferramenta útil no ensino de LE; e, conseqüentemente, III. Tentar eximir professores do sentimento de culpa em relação ao uso da tradução em sala de aula de LE, mesmo quando o fazem de maneira não sistemática.

Palavras-chave: Tradução em sala de aula; Ensino de Línguas Estrangeiras; Uso da tradução em aulas de LE.

ABSTRACT: Within the field of Applied Linguistics there are broad discussions about the use of translation in Foreign Language (FL) classrooms. Several factors have influenced in the negative stigma regarding translation in classroom. Language institutes and basic schools condemn the use of translation in their classes and teachers feel guilty when occasionally resorting to this method, acting like they're doing a crime. With this article, I intend to: I. Provide a brief historical profile of the use of translation in the FL classroom, citing the methodological factors that drove the use of mother tongue in class to a negative status; II. Try to show FL teachers that the use of translation in the classroom is a useful tool in teaching a FL; and, therefore, III. Try to avoid teachers' feelings of guilt regarding the use of translation in the FL classroom, even when they do so in a non-systematic way.

Keywords: Translation in the classroom; Teaching of foreign languages; Use of translation in FL classes.

Introdução

Um tema bastante recorrente nos dias atuais, tanto em academias de línguas estrangeiras quanto em universidades e também por parte do senso comum, é se o professor deve ou não utilizar a tradução em sala de aula de Língua Estrangeira (LE). Tal tema traz opiniões contraditórias e diversas por parte de professores, alunos, leigos e pesquisadores. A tradução não tem sido vista com bons olhos dentro de academias de línguas em geral e parece que chegar a um consenso quanto a esse tema não será algo assim tão simples. Isso se deve a diversos fatores, que serão brevemente ilustrados neste artigo.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis-SC. Correio eletrônico: elisliberatti@hotmail.com

Atualmente, ainda há a crença, a meu ver, errônea, de que o melhor professor de LE seja o falante nativo da língua que ensina. Esse é um dos fatores que contribui para a estigmatização da tradução no ensino de LE. Com isso, se o professor nativo da LE não tem conhecimento da Língua Materna (LM) de seus alunos, não pode usá-la e, conseqüentemente, os exercícios de tradução cairão no esquecimento, uma vez que para se trabalhar com tradução precisa-se ter o conhecimento da LE e da LM.

O fator financeiro é outro forte contribuinte para o desaparecimento da tradução em sala de aula de LE. Editoras internacionais podem simplificar e massificar a produção de livros se estes forem escritos somente em uma língua, no caso, a LE. Com isso, a LM pode ser apagada dos livros e esses podem ser distribuídos internacionalmente de maneira uniforme.

A influência de Krashen (1981) na concepção de que o aprendizado, em oposição à aquisição, não possui apelo na aprendizagem de línguas e que, com isso, a tradução não possui papel fundamental no ensino de línguas, é mais um fator contribuinte para a discriminação de tradução em sala de aula, juntamente com a crença de que só se pode aprender uma LE falando-se essa língua o tempo todo dentro da sala de aula.

Diversas teorias criadas nos séculos XIX e XX também exercem influência considerável na visão pejorativa que se tem da tradução em sala de aula de LE. A mais influente dessas teorias é a aplicada ao método *gramática tradução*, que será explicado a seguir e que influencia até os dias de hoje a visão que se tem da tradução em sala de aula de LE.

Este artigo objetiva demonstrar como se chegou à visão pejorativa da tradução no ensino-aprendizagem de LE, bem como é uma tentativa de desmistificar o uso da tradução, demonstrando que ela pode ser uma aliada, e não uma inimiga dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Com este artigo busca-se, então, evidenciar aos professores e alunos de LE que a estigmatização da tradução é uma crença infundada, não somente levando-os a se sentirem eximidos do sentimento de culpa ao usarem traduções como técnica didática, como também estimulá-los a utilizar a tradução de forma sistemática e frequente em suas aulas.

Diferentes métodos e o uso da tradução em sala de aula de LE

Esta seção tem como objetivo fazer uma breve descrição dos métodos de ensino de línguas, baseada em Leffa (1988), demonstrando algumas das características de cada método e fazendo relações com o uso da tradução em sala de aula de LE.

A partir da metade do século XIX, o *Método Gramática Tradução* passou a ser utilizado em larga escala no ensino de LE, sendo um método empregado até os dias de hoje. Nesse método, a L2 é ensinada através da L1 – as explicações e as regras são disponibilizadas na língua materna dos estudantes. O método é composto por três etapas: I. memorização prévia de uma lista de palavras; II. conhecimento das regras necessárias para juntar essas palavras em frases; III. exercícios de tradução e versão (LEFFA, 1988). Nota-se que, nesse método, a tradução é um exercício típico do processo de ensino-aprendizagem, sendo praticada constante e frequentemente. Nessa época, então, a tradução em sala de aula era liberada e não estigmatizada. Mas o *método gramática tradução* foi um dos principais responsáveis pelo preconceito atrelado à prática de tradução em sala de aula. Devido ao uso abusivo e ineficiente da tradução no *método gramática tradução*, tal método é erroneamente visto como sendo o único modo de se utilizar traduções em sala de aula.

O *método direto* surgiu no início do século XX e foi o primeiro ataque ao *Método gramática tradução*. Esse método tem como princípio central a exclusão total da L1 na sala de aula, uma vez que dá crédito à crença de que a L2 se aprende somente por meio da L2. O *método gramática tradução* é amplamente criticado devido ao fato de focar a linguagem escrita em detrimento da oral, introduzir a L2 em frases isoladas e fora de contexto e encorajar falsas noções de equivalência (HOWATT, 1984, p.173, apud COOK, in BAKER, 1998, p.117). O *método direto* defende a ideia de que o aluno deve aprender a pensar na L2, o que leva à abolição da tradução na sala de aula, culminando, algumas vezes, em alunos e professores utilizando-se de mímicas, desenhos, gestos etc. para a transmissão de significado. Consequentemente, por não poder fazer uso da L1, o professor leva um tempo maior, na explicação de palavras desconhecidas e regras gramaticais, em relação ao que levaria se usasse a tradução. Aqui, nota-se a condenação do

uso da tradução em sala de aula, e isso se deu, principalmente, devido à associação (exclusiva) da tradução ao *Método gramática tradução*.

O *método da leitura* iniciou-se na década de 30 e teve forte apelo até o fim da II Guerra Mundial. Como o próprio nome já diz, seu objetivo é o desenvolvimento da habilidade da leitura, ensinando-se somente a gramática considerada relevante para a compreensão dos textos. A tradução é utilizada vez ou outra. No *método da leitura*, a tradução ganha um lugar de destaque, sendo utilizada mais frequentemente no ensino de LE se comparada ao *método direto*. Mesmo assim, não perde todo seu estigma.

O *método audiolingual* também surgiu durante a II Guerra Mundial, com a finalidade, por parte do exército americano, de ensinar línguas estrangeiras a seus soldados de maneira rápida. Parte das premissas de que a "língua é fala, e não escrita"; de que "língua é um conjunto de hábitos"; de que se deve ensinar a língua, e não sobre ela; de que "A língua é o que os falantes nativos dizem, não o que alguém acha que eles deveriam dizer" e de que "as línguas são diferentes" (LEFFA, 1988, p. 15). Dentro desse método, o aluno não aprende cometendo erros, pois acredita-se que quem comete erros aprende os próprios erros cometidos. Foi a partir do *método audiolingual* que o ensino de línguas passou a adquirir o *status* de ciência, uma vez que possuía linguistas envolvidos no projeto. Nesse método, é permitido o uso da L1, mas de forma controlada, sendo a tradução evitada na sala de aula.

O *método natural* tenta aplicar na sala de aula a teoria de Stephen Krashen, conhecida como Modelo do Monitor ou Modelo do *Input* (KRASHEN, 1981). Tem como objetivo o desenvolvimento da aquisição da língua em detrimento da aprendizagem. Aquisição da língua refere-se ao uso inconsciente das regras, é um desenvolvimento informal e espontâneo da língua, obtido por situações reais, sem esforço consciente. Já aprendizagem diz respeito ao desenvolvimento formal e consciente da língua, é obtida através de regras. Esse método não valoriza a tradução, baseado na crença de que a transferência de uma língua a outra tem um papel quase (se não) irrelevante no ensino de L2.

Por fim, o *método funcional* ou *abordagem comunicativa* surgiu na década de 70, mas passou a ter força total nos anos 80.

Esse método reflete com maior precisão o uso natural da língua, não existindo ordem de preferência na apresentação das habilidades (ouvir, falar, ler, escrever) nem grandes restrições em relação ao uso da LM. Foi a partir desse método que a tradução passou a ser definitivamente considerada, pela comunidade científica, recurso desaconselhável no ensino de LE. Desse modo, nesse método, a tradução como prática facilitadora do ensino não é bem vista, não sendo empregada nem sistematicamente nem como último recurso disponível ao ensino. Seguidores do método comunicativo abominam a tradução e, quando dela fazem (não desejável) uso, culpam-se, evitando-a ao extremo.

As teorias de *Aquisição da Segunda Língua* (ASL), derivadas das teorias de *Aquisição da Primeira Língua* (APL), renegam o papel da tradução no ensino de LE, pois, nessas teorias, a aquisição da linguagem é entendida pelo processo de formação de hábitos (behaviorismo), ou a linguagem é tida como um patrimônio genético do falante (inatismo de Chomsky) e sua aquisição é vista como o resultado da necessidade de comunicação (funcionalismo). Essas teorias não consideram a tradução como prática aceitável no ensino aprendizagem de LE, uma vez que, segundo elas, a atenção do aprendiz deve priorizar o significado e o conteúdo em detrimento da forma, estimulando, com isso, uma aquisição *inconsciente* do sistema linguístico. A tradução, pelo contrário, demanda um conhecimento *consciente* das línguas envolvidas no processo de aprendizagem, e, conseqüentemente, não se enquadra nas teorias citadas. Por isso, essas teorias acreditam que a tradução não desempenha papel algum no ensino-aprendizagem de LE.

As teorias de L2 baseadas em teorias de APL acreditam que a aquisição de uma segunda língua passa pelo mesmo processo de aquisição da L1. Para que a tradução em sala de aula seja aceita e praticada, necessita-se reconhecer o caráter diverso de aprendizagem da L2 em relação à aquisição da L1, pois a aquisição da L1 ocorre dentro de um contexto diferente do aprendizado de uma L2. Segundo Cook (1988, p. 119):

Os pressupostos básicos da atual teoria de SLA e as tentativas de aplicá-los ao ensino da língua são altamente questionáveis, especialmente em relação à negação do desejo inevitável dos professores e alunos de tentar uma relação consciente e sistemática entre a L1 e a L2 por meio da tradução. É claro que, antes de que a tradução possa ser reintegrada como um auxílio para aquisição de linguagem, é preciso que

haja o reconhecimento explícito de que a aquisição da L2 pelo adulto não precisa necessariamente repetir as fases do processo de aquisição da L1 pela criança, mas pode ser fundamentalmente de forma diferente (tradução minha)².

O método *gramática tradução* foi o principal influenciador do estereótipo criado em relação ao uso de tradução no ensino-aprendizagem de LE, tanto popular quanto academicamente (COOK, 1998, p. 117). Após esse método, todos os outros acabaram, de uma forma ou outra, renegando a tradução em sala de aula de LE. Isso se deu pelo fato de o método *gramática tradução* focar traduções escritas e avaliar a competência da L2 somente pela precisão obtida nas traduções. Como esse método expandiu-se rápida e mundialmente, a prática de tradução em sala de aula é erroneamente associada a ele.

Todavia, com este artigo, pretendo demonstrar, entre outras coisas, que o uso de tradução no ensino de LE não está atrelado, necessariamente, ao método *gramática tradução*. Pelo contrário, a prática da tradução pode ser desenvolvida dentro de qualquer método abordado pelo professor. Com isso, a próxima seção tem como finalidade evidenciar as vantagens de se utilizar a tradução em sala de aula.

A tradução no ensino de LE – uma boa aliada

Ao contrário do que se acredita, tanto em nível de conhecimento popular quanto de conhecimento científico, a tradução em sala de aula de LE não é inimiga voraz do professor de línguas. Essa concepção não é um paradigma fácil de ser mudado, principalmente pelo terrorismo feito a professores que usam a tradução em suas aulas, mesmo que de maneira não sistemática e, por vezes, como último recurso disponível. O que tento argumentar nesta seção é que a prática da tradução em sala de aula de LE não somente deve ser usada como último recurso sem culpa, mas também pode ser usada de forma planejada, como primeiro recurso, com a função de facilitar e simplificar o processo de ensino-aprendizagem. Costa (1988, p. 290) argumenta a favor

² The assumptions underlying current SLA theory and attempts to apply them to language teaching are highly questionable, especially in their denial of the inevitable wish of teachers and learners to attempt a conscious and systematic relation of L1 to L2 via translation. It is clear that, before translation can be reinstated as an aid to language acquisition, there needs to be explicit recognition that adult SLA need not necessarily attempt to repeat the stages of child FLA, but can be essentially different in kind.

da tradução em sala de aula apontando alguns dos muitos fatores favoráveis à prática tradutória:

Na realidade, a tradução pode ser considerada como uma quinta habilidade ao lado da compreensão oral e escrita e da produção oral e escrita. O ensino de línguas ganharia a dimensão cultural (que ele, em geral, não apresenta atualmente) e poderia mesmo ser mais produtivo na medida em que certos problemas de aprendizagem fossem melhor identificados. Do ponto de vista prático, o hábito da tradução (tanto da língua materna para a estrangeira como em sentido contrário) resulta muito útil, porque são inúmeras as situações (tanto no país quanto no exterior) em que se necessita a habilidade tradutória (estudo de textos, auxílio a pessoas monolíngues, tradução de cartas e documentos, etc.).

Cook (1998) cita algumas das vantagens em se aplicar a tradução no ensino-aprendizagem de LE. Retomo algumas delas e as explico a seguir:

- I. A tradução é conveniente. A tradução é o meio mais rápido e eficaz para se explicar uma palavra ou regra gramatical. Assim, quando surgirem dúvidas por parte dos alunos em relação a palavras desconhecidas, o professor pode ganhar tempo ao passar a tradução da palavra ao invés de ter de se desgastar com mímicas, desenhos e jogos de adivinhação. Essa prática é vantajosa principalmente com alunos de níveis iniciantes, mas serve para todos os níveis. Além disso, ao se usar a tradução, não se corre o risco de o aluno entender errado o significado de uma palavra. Uma experiência pessoal pode ser relatada aqui: o professor foi explicar ao aluno o que a palavra "tall" (adjetivo em Inglês que significa "alta/alto", usado para pessoas) significava e disse que Michael Jordan era um exemplo de "tall". Isso tudo usando a L2. O aluno pensou ter entendido, mas foi para casa pensando que "tall" era "negro", e não "alto". Como se pode perceber, usando-se a tradução a falta de entendimento não teria ocorrido.
- II. A tradução é uma atividade de auxílio à aquisição. A tradução não precisa ser o meio exclusivo de aprendizagem de uma segunda língua. Ou seja: ela não necessita ser empregada a todo o momento, como regra. Ao invés disso, pode ser utilizada como atividade complementar a qualquer outro método, sendo desenvolvida vez ou outra, de maneira organizada, planejada,

- com foco nos resultados obtidos pela prática. Com isso, ao se fazer uso da tradução esporadicamente, e não em tempo integral, o professor não estará deixando de praticar a L2, diferentemente do que argumentam os desfavoráveis ao uso da L1.
- III. A boa tradução é encarada, por muitos alunos, como um fim em si mesmo. Isso justificaria o uso da tradução em sala de aula como um exercício aplicado não somente ao aprendizado da L2, mas também como base para a prática de uma boa tradução. Ou seja: o aluno pode aprender a L2 de maneira mais natural, sem nem mesmo perceber o processo de aprendizagem pelo qual está passando, simplesmente pelo fato de gostar da prática da tradução em si.
- IV. A tradução pode conscientizar quanto ao uso correto da forma. O exclusivo enfoque comunicativo pode gerar imprecisões formais na L2, uma vez que seu foco é o conteúdo e não a forma. Com isso, a prática da tradução pode focar a forma, e sua aplicação correta e, também, desenvolver a correção de usos imprecisos de estruturas da L2.
- V. Os estudantes aprendem a lidar com dificuldades advindas do texto fonte a ser traduzido. Os exercícios de tradução limitam o aluno ao texto selecionado para a atividade tradutória (uma letra de música, por exemplo). Isso faz com que os alunos aprendam a lidar com aquele texto e com a transferência entre as línguas trabalhadas. Conseqüentemente, eles terão de enfrentar áreas do sistema da L2 que podem achar difíceis, e não utilizar estratégias que evitem o problema. Com isso, ao enfrentarem áreas consideradas complicadas, aprendem não somente a L2 como também a lidar com problemas tradutórios.
- VI. A tradução ajuda a chamar a atenção para diferenças sutis entre L1 e L2. As diferenças sutis existentes entre uma língua e outra podem ser evidenciadas por meio da tradução, uma vez que o professor, ao usar a L1 em comparação com a L2, pode demonstrar que nem toda expressão tem um equivalente exato em outra língua, discutindo, junto com os alunos, qual seria a expressão mais próxima na L1. Um bom exemplo prático que aponto aqui seria a demonstração do uso dos verbos em inglês "to do" e "to make", que não possuem significado diferente na

Língua Portuguesa (ambos significam “fazer”).

Atkinson (1987, *apud* ROMANELLI, 2003) também traça os benefícios da tradução em sala de aula de LE. Pode-se citar, com isso, que a tradução:

- exige que as palavras sejam pensadas dentro de um contexto, diferentemente da usual manipulação de palavras de maneira mecânica, comum em atividades estruturais;
- leva os alunos a pensar comparativamente entre L1 e L2; essa comparação desenvolve maior consciência sobre as diferenças existentes entre as línguas envolvidas no processo, levando os alunos, com isso, a não cometer tantos erros mais comuns na L2;
- serve como estímulo para os estudantes no que diz respeito a assumir riscos, ao invés de tentar evitá-los, uma vez que os alunos têm a oportunidade de usar as estruturas linguísticas, gramaticais e semânticas de sua LM para desenvolver a estrutura em LE;
- pode mudar o ritmo da aula, fator estimulante para a aprendizagem.

Além das vantagens acima, Atkinson (1987) afirma que técnicas de tradução são provavelmente uma das estratégias preferidas de alunos de LE, fato que não deve, portanto, ser subestimado. Ora, se alunos gostam tanto de usar a L1 em sala de aula, por que fugir disso? Se planejada de forma organizada, a atividade de tradução servirá como ótima ferramenta de ensino, uma vez que alunos estarão fazendo o que gostam e que têm sido proibidos há tanto. Afinal, sabe-se que estudar com prazer é uma estratégia benéfica para a aprendizagem, gerando mais resultados positivos do que técnicas de aprendizagem impostas aos alunos. Além disso, o uso da LM em sala de aula permite que os alunos digam exatamente o que querem dizer, o que não é possível, muitas vezes, com alunos iniciantes de LE, que ainda não têm conhecimento do léxico e da sintaxe de uma L2 para que possam expressar seus pensamentos de forma clara.

Outra vantagem do uso da tradução é evitar entendimentos errôneos sobre o significado de falsos cognatos, que podem ser grandes

armadilhas para quem aprende uma L2, além de facilitar o entendimento dessas palavras. Tomando-se como exemplo dois lexemas da língua inglesa: *sensitive* e *sensible*. Fazendo uso da tradução, o professor pode dizer ao aluno que *sensitive* não significa *sensitivo* em português, e sim *sensível*, e que *sensible* não significa *sensível*, e sim *sensitivo*. Pela proximidade dos falsos cognatos com palavras da LM dos estudantes, seria praticamente impossível ensinar o significado correto de falsos cognatos sem recorrer à tradução.

Nos últimos anos, pode-se afirmar que existem alguns indícios de que a tradução esteja reconquistando seu merecido espaço dentro da sala de aula, principalmente se tomadas como verdadeiras as premissas supracitadas. De acordo com Howatt (1984, p. 161, *apud* COOK, 1998, p. 120), "A prática da tradução tem sido condenada tão tenazmente, por tanto tempo, sem razões realmente convincentes, que talvez seja hora da profissão desenvolver um novo olhar sobre tal prática" (tradução minha³). Espera-se, segundo Cook (1998) e outros pesquisadores, como o mencionado, que os tabus concernentes à prática da tradução sejam cada vez mais desmistificados e caiam, por fim, em desuso.

Professor, não há porque se culpar

Se você, professor, já usa a tradução em sala de aula de LE, não se culpe. De forma planejada ou como último recurso disponível, a tradução é uma ferramenta apropriada no ensino de LE, como demonstrado previamente. O que pretendo, no entanto, é persuadir os professores de LE a adotar a tradução como prática planejada, sistemática e bem-vinda em sala de aula, e não somente a tradução como último recurso. Portanto, se você, professor de LE, não faz uso da tradução no processo de ensino-aprendizagem, ou a faz de maneira não planejada, proponho, a seguir, algumas atividades envolvendo a tradução na sala de aula. As vantagens obtidas por essas atividades são as acima discutidas, bem como as apontadas particularmente em cada atividade, a saber:

3 The practice of translation has been condemned so strenuously for so long without any really convincing reasons that it is perhaps time the profession took another look at it.

Algumas breves sugestões de atividade

- Atividade I: cada aluno, no começo ou durante a aula, diz frases mais complexas e que sabe não conseguir dizer na L2. Colegas e professores ajudam na atividade tradutória da L1 para a L2. Esse tipo de atividade ajuda os alunos a ganharem autoconfiança, bem como a aprenderem, por meio da tradução de frases mais difíceis, estruturas mais complexas da L2.
- Atividade II: o professor traz aos alunos diversas expressões idiomáticas utilizadas tanto na L1 quanto na L2. Com o auxílio do professor, de dicionários e da internet, os alunos traduzem as expressões trazidas da L1 para a L2 e vice-versa. Essa atividade é interessante para mostrar aos estudantes as diferenças existentes entre as línguas envolvidas no processo.
- Atividade III: alunos assistem a um trecho de seu seriado favorito (votação para escolha de qual seriado irão utilizar). O seriado exibido está na L2, mas sem legendas. Os alunos devem, com isso, criar um laboratório de traduções de legendas e elaborarem as legendas para as falas dos personagens. Após a criação de suas próprias legendas, comparam com as legendas originais. Tal atividade permite que os alunos trabalhem com material autêntico, escolhido por eles mesmos, e de sua preferência.
- Atividade IV: o professor traz aos alunos um texto com falsos cognatos. Pede para os alunos lerem o texto e pergunta a tradução dos falsos cognatos. Após os alunos traduzirem os falsos cognatos, o professor diz para os alunos procurarem em dicionário bilíngue o real significado dos falsos cognatos do texto. Essa atividade evita que os alunos entendam de maneira errada o significado de palavras que parecem ter um significado na L1 e que, na verdade, têm outro. Também serve para conscientizá-los da existência de palavras que podem induzir ao erro.
- Atividade V: alunos simulam uma situação em que há estrangeiros envolvidos em uma negociação qualquer, que pode ser definida a critério de interesse do grupo. Com isso, haverá o(s) falante(s) da L1, o(s) falante(s) da L2 e o(s) intérprete(s). O(s) intérprete(s) deve(m) fazer tradução oral bilateral das conversas ocorridas entre o(s) nativo(s) e o(s) estrangeiro(s). Essa atividade, diferentemente

das acima sugeridas, propõe um exercício de tradução oral (interpretação). Como é importante que os alunos desenvolvam a habilidade oral da língua, pretendo demonstrar que a tradução também pode ser usada com esse propósito. Pode ser realizada em diferentes situações de negociação, para que mais de um aluno chegue a fazer a interpretação.

Além das atividades aqui propostas, o artigo do professor Dr. Sérgio Romanelli, intitulado *O uso da tradução no ensino/aprendizagem das línguas estrangeiras* (2003), traz várias sugestões de exercícios tradutórios para serem aplicados em sala de aula. Como complemento às atividades aqui propostas, fica a sugestão de leitura de seu artigo.

Conclusão

Com a elaboração deste artigo, procurei demonstrar que a tradução em sala de aula de LE, se utilizada de forma adequada, pode ser uma ferramenta muito útil tanto para professores quanto para alunos de LE em geral. Acredito conseguir atingir mais diretamente os professores de LE, pois são eles que lidam diariamente com tal dilema. Acredito, também, que professores de LE têm grande parte da responsabilidade de demonstrar a seus alunos como a prática da tradução pode ser benéfica.

A partir disso, pode começar a haver uma mudança de paradigma quanto a essa prática, criando-se uma nova visão em que a tradução passe a ser bem-vinda e desejada em sala de aula de LE. O presente artigo é uma tentativa, mesmo que breve, de conscientizar alunos e professores para as inúmeras vantagens de se usar a LM em sala de aula de LE, tentando, também, demonstrar que os tabus envolvendo essa prática não são cientificamente fundamentados.

Referências

ATKINSON, David. The mother tongue in the classroom: a neglected resource? **ELT Journal**, vol. 41/4. October, 1987.

COOK, G. Language Teaching. In BAKER, M. (ed.). **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**, London – New York, Routledge, 1998, pp. 117 – 120.

COSTA, Walter Carlos. Tradução e ensino de línguas. In: BOHN H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos de Lingüística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988, p. 282-291.

KRASHEN, S. **Second Language Acquisition and Second Language Learning**, 1981. Disponível em: <http://www.sdkrashen.com/SL_Acquisition_and_Learning/index.html>.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. **Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988, p. 211-236.

LIMA, Jilvania. **As metodologias do ensino de língua estrangeira**. Ano de publicação não disponível. Disponível em: <http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/textos/315.htm>

ROMANELLI, S. O ensino/aprendizagem de pronomes do italiano: interferência na interlíngua do falante do português brasileiro. **Revista Desempenho**, UnB, 2003, p. 41-50.

SOUZA, José Pinheiro de. Tradução e ensino de línguas. **Revista do Gelne**, Ano 1, vol.1, 1999, p. 141 a 151. Disponível em: <http://www.gelne.ufc.br/revista_ano1_no1_27.pdf>.

Recebido em novembro de 2011.
Aceito em março de 2012.